

Eleito um dos melhores livros de 2024
pela *The Economist* e pelo *Financial Times*

DAVID
MCWILLIAMS



DINHEIRO
UMA HISTÓRIA
DA HUMANIDADE

Prefácio de Michael Lewis,
autor de *O projeto desfazer*

DINHEIRO

UMA HISTÓRIA
DA HUMANIDADE



“Um *tour de force* da história da economia que consegue ser erudito e envolvente ao mesmo tempo. A narrativa é salpicada de detalhes coloridos (e às vezes picantes). Depois de ler este livro, você nunca mais vai olhar para a sua conta bancária da mesma forma.” – Gillian Tett, colunista do *Financial Times* e autora de *Um novo olhar*

“Um passeio de tirar o fôlego pela história e pelo futuro do dinheiro, conduzido por quem realmente o entende.” – Brian Cox, físico e apresentador da BBC

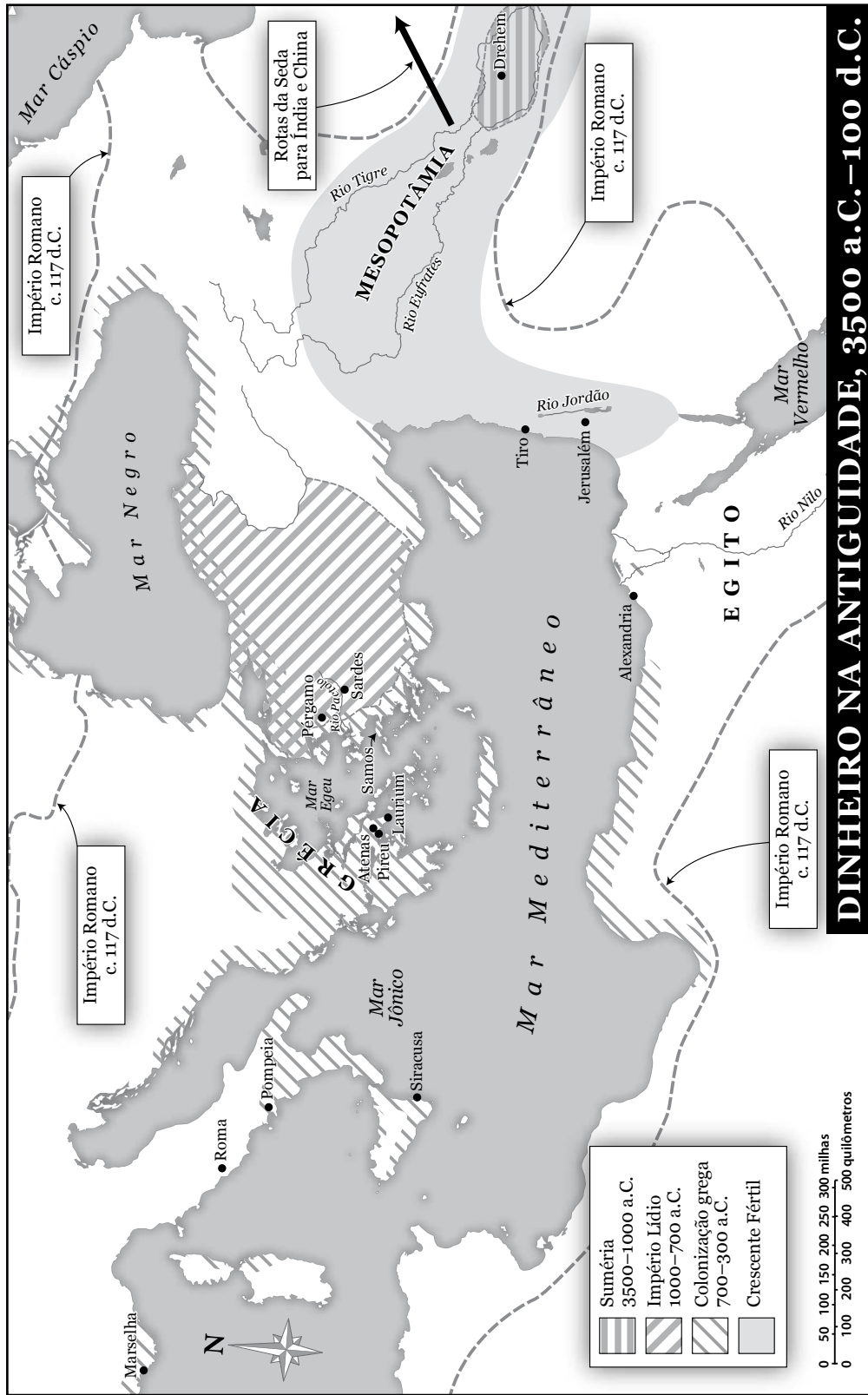
“Um relato extremamente ambicioso, perspicaz e envolvente sobre nossa relação com o dinheiro.” – *Financial Times*

“Tão divertido quanto esclarecedor.” – Yanis Varoufakis, ex-ministro da Economia da Grécia

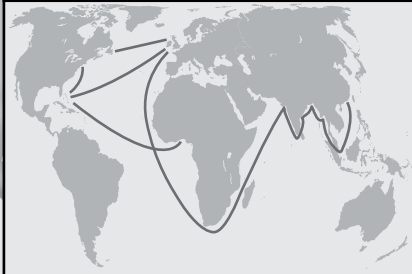
“Uma jornada impressionante e que transborda fatos históricos.”
– *The Economist*

“Como boa pesquisa, é repleto de histórias que ajudam a dar vida a um assunto árido. Será muito apreciado, tanto pelo leitor leigo quanto por economistas.” – *The Guardian*

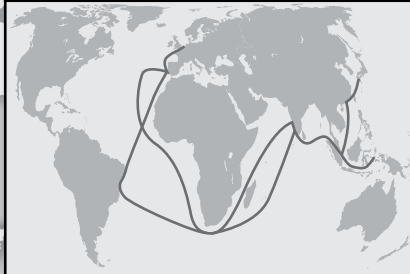
Para Sian, por tudo



**ROTAS COMERCIAIS BRITÂNICAS,
SÉCULO XVIII**



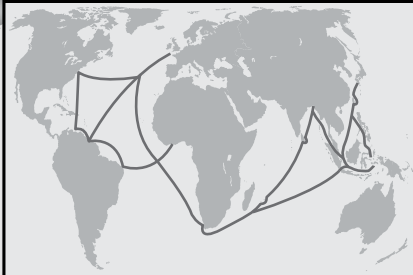
**ROTAS COMERCIAIS PORTUGUESAS,
SÉCULO XVIII**



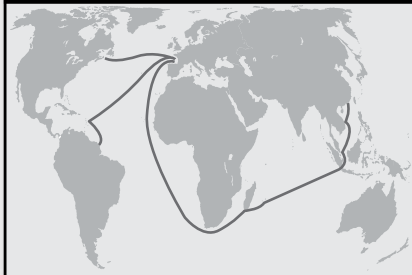
DINHEIRO MARÍTIMO, 1694–1804



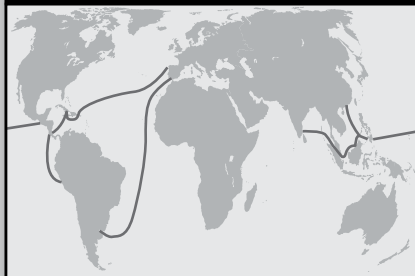
ROTAS COMERCIAIS HOLANDEASAS, SÉCULO XVIII



ROTAS COMERCIAIS FRANCESAS, SÉCULO XVIII



ROTAS COMERCIAIS ESPANHOLAS, SÉCULO XVIII



DINHEIRO MEDIEVAL, 1100-1500

TERRAS VARANGIANAS

IMPÉRIO BIZANTINO

EUROPA

NON ROSETE D.A

CALIFADO DE CORDOVA

SICÍLIA

M e d i t e r r â n e o

M a r N e g r o

M a r

Oceano Atlântico

Rio Volga

Rio Don

Rio Dniepre

Rio Dniúbio

Rio Dniestre

Rio Vístula

Rio Óder

Rio Danúbio

Rio Reno

Rio Loire

Rio Ebro

Rio Douro

Rio Tâmtisa

Rio Po

Rio Ródano

Rio Balcões

Constantinopla

Atenas

Alexandria

Jerusalém

Tripoli

Messina

Siracusa

Palermo

Bugia

Alicante

Granada

Córdoba

Guadalquivir

Cádiz

Lisboa

Avignon

Marselha

Gênova

Pisa

Florença

Roma

Veneza

Milão

Genebra

Lyon

París

Estrasburgo

Tréveris

Aachen

Colônia

Mainz

Goslar

Frankfurt

Worms

Praga

Wittenberg

Lilbeck

Bremen

Amsterdã

Bruges

Amheim

Cantúaria

Londres

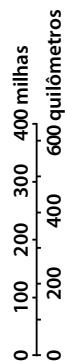
Danzig

Novgorod

0 100 200 300 400 milhas

0 100 200 400 600 quilômetros

N



PREFÁCIO

Um dos aspectos mais fascinantes deste livro é que ele nos revela conexões geralmente não percebidas entre o dinheiro e acontecimentos históricos importantes. Você talvez saiba que vários imperadores romanos financiaram seu estilo de vida reduzindo o teor de metais preciosos das moedas em circulação, mas provavelmente nunca associou a queda do Império a essa desvalorização da moeda. E quem de nós teria conhecimento de que Charles Darwin perdeu uma fortuna na bolha das ferrovias britânicas? Ou que seu interesse por economia contribuiu para a teoria da evolução das espécies? David McWilliams não traz apenas uma história das inovações monetárias e financeiras – ele apresenta um novo argumento que comprova a importância dessa história.

Em essência, o argumento de McWilliams é o seguinte: nos locais onde há dinheiro (e inovação financeira) ocorre uma variedade de eventos profícuos que não se manifestam onde não há dinheiro (nem inovação financeira). O comércio exterior é um exemplo desses eventos, mas há muitos outros menos evidentes. A história da inovação financeira se entrelaça intimamente com a história da arte, por exemplo – ao menos com a visão tradicional da história. Ao peregrinar pelos santuários da civilização ocidental (a Grécia antiga, a Florença renascentista, a Holanda setecentista), o viajante estará percorrendo, sem saber, a história da inovação financeira. Todo grande período de florescimento das artes parece ter sido desencadeado pela invenção de alguma versão do derivativo de crédito CDS.

O perfil dos inovadores financeiros traçado por McWilliams é outro destaque. É como se houvesse uma lei da natureza segundo a qual os homens – e são sempre homens – que se envolvem em inovação financeira são justamente do tipo pouco louvável. Johannes Gutenberg, papa Pio II, John Law... A história narrada por McWilliams é uma corrida de revezamento em que trapaceiros passam o bastão para malandros, que o passam a vigaristas. Um time que possui o dom de conquistar a confiança das pessoas para pegar o dinheiro delas e criar novas formas de usá-lo.

A confiança, a propósito, é um tema central neste livro. Cada uma das tantas invenções envolvendo dinheiro e finanças – moedas, balanços, demonstrações contábeis, moedas de reserva, papel-moeda, bancos centrais, hipotecas e assim por diante – expressa uma espécie de confiança capaz de sobreviver às piores violações. Na mesma época em que os holandeses criaram a famosa bolha das tulipas, por exemplo, inventaram também os bônus perpétuos, títulos de dívidas que jamais são pagas. “Você consegue imaginar o nível de confiança no dinheiro que precisa haver em uma sociedade para que as pessoas financiem um empréstimo sabendo que ele nunca será de todo pago e ainda considerem isso um investimento prudente?”, escreve McWilliams. É como se todos nós tivéssemos feito um acordo tácito de que a confiança financeira, ainda que possa ser quebrada muitas vezes, é valiosa demais para ser eliminada.

As criptomoedas são, é claro, a última reviravolta desta narrativa. Nascidas da desconfiança em relação a governos e bancos, elas acabaram replicando a mesma necessidade de confiança e violando-a de todas as formas usuais. McWilliams vê os acontecimentos atuais na história do dinheiro como uma guerra pelo direito à confiança. “Nos próximos anos, uma grande batalha se dará entre o dinheiro emitido por entidades privadas e o dinheiro emitido pelas instituições do Estado em nome do cidadão”, afirma ele. O que quer que o futuro nos reserve, McWilliams é digno de confiança no assunto. Alguém precisa ser.

Michael Lewis, maio de 2024

INTRODUÇÃO

Dinheiro caindo do céu

Imagine que está caindo dinheiro do céu. Você enfiaria uma nota de 10 no bolso antes de contar a alguém? É provável que a maioria das pessoas pegasse algumas cédulas em vez de informar as autoridades.

Era exatamente isso que Hitler esperava com seu plano de fazer chover milhões de libras pela Inglaterra no auge da Segunda Guerra Mundial. Ele compreendia o que acontece quando o dinheiro perde valor. Tinha vivido a hiperinflação da República de Weimar e sabia que o dinheiro é uma arma inigualável, capaz de desestabilizar um país. Essa era uma opinião que Hitler tinha em comum com seu antagonista ideológico Vladimir Lênin, para quem, supostamente, a maneira mais fácil de arruinar uma sociedade era “corromper sua moeda”.

Em entrevista ao *Daily Chronicle* publicada em 23 de abril de 1919, Lênin teria dito que pretendia aniquilar o poder do dinheiro a fim de destruir o que restava do antigo Estado russo após a Revolução de Outubro em 1917:

Centenas de milhares de notas de rublos são emitidas diariamente pelo nosso Tesouro (...) com a intenção deliberada de destruir o valor do dinheiro (...). A forma mais simples de erodir o capitalismo é inundar o país de notas de valor nominal elevado sem garantias financeiras de qualquer espécie. A nota de 100 rublos já não vale quase nada na Rússia. Em breve até o camponês mais inculto perceberá que se trata ape-

nas de um pedaço de papel (...) e a grande ilusão do valor e do poder do dinheiro, na qual se baseia o Estado capitalista, terá sido destruída.¹

Hitler e Lênin podem ter estado em lados opostos em termos ideológicos, mas ambos compreendiam o poder fenomenal do dinheiro: ao enfraquecê-lo, enfraquecemos o tecido da sociedade. O plano da Luftwaffe de lançar milhões de cédulas falsas sobre o Reino Unido era ultrassecreto, conhecido por um grupo restrito de altos oficiais nazistas. Embora alguns poucos cidadãos honestos talvez procurassem as autoridades, Hitler previa que a maioria dos britânicos guardaria um punhado de notas debaixo do colchão. A ideia era mobilizar o povo britânico – que Napoleão sabidamente descreveu como uma “nação de lojistas” obcecados por dinheiro – contra si mesmo. Ao colocar as notas falsas em circulação pelo país, a inflação arrasaria o sistema, sobretudo porque grande parte dos recursos econômicos britânicos estava alocada no esforço de guerra. Os preços eram voláteis, já que apenas uma pequena quantidade de bens de consumo e itens essenciais estava sendo comercializada. Nessas condições de privação, a cascata de dinheiro novo faria os preços dos produtos dispararem. Hitler esperava que os pacatos e diligentes britânicos experimentassem um momento de pânico. O caos resultante derrubaria sua notória resiliência, comprometendo o esforço de guerra.

Em julho de 1942, a nova arma de Hitler entrou em produção. Seria a maior falsificação já vista. Um telegrama foi enviado aos dirigentes dos campos de concentração convocando impressores, gravadores, artistas, coloristas, tipógrafos, especialistas em papel e bancários. A operação também precisava de matemáticos e decodificadores para decifrar a sequência numérica da libra esterlina. Um grupo de homens traumatizados e emaciados foi levado para Sachsenhausen, vindos de campos de todo o Terceiro Reich. Eram 142 almas desesperadas com a incumbência de quebrar o Banco da Inglaterra.

Os falsificadores imprimiram 132.610.945 libras esterlinas em notas falsas, o equivalente a cerca de 7,5 bilhões em valores atuais.² Para lançar tudo isso em território britânico, seriam necessários esquadrões de bombardeiros que estavam à disposição de Hitler quando o plano foi arquitetado, em maio de 1942. No entanto, quando as notas falsas ficaram prontas, no ano seguinte, o cenário era outro:³ a Alemanha perdia no campo de batalha e

os recursos da Luftwaffe estavam sendo drenados na Rússia. O esforço de guerra não podia abrir mão dos aviões.

Hitler não controlava o Banco da Inglaterra, mas Lênin tinha em seu poder a casa da moeda nacional, que poderia utilizar para alcançar o caos desejado. Ambos tinham objetivos semelhantes: destruir “a grande ilusão do valor e do poder do dinheiro”, como disse o russo. E ambos, como diabólicos observadores da psicologia, compreendiam a fragilidade humana, a dinâmica das multidões e os níveis mais baixos de degradação a que as pessoas podem descer.

O dinheiro pode ser mais poderoso que religião, ideologia ou exércitos. Mexer com o dinheiro é mexer com muito mais que o sistema de preços, a inflação e a economia – é mexer com a cabeça das pessoas. A história da falsificação de Hitler lança luz sobre esse imenso poder.

O ponto cego dos economistas

Nos últimos tempos, minha tribo se apropriou da discussão global sobre o tema. Como sumos sacerdotes de uma nova religião, nós, economistas, assumimos a responsabilidade de explicar os mistérios do dinheiro ao povo. Minha carreira começou no Banco Central da Irlanda, o próprio tabernáculo onde se cria dinheiro magicamente. Tal como um padre que transforma a hóstia no corpo de Cristo durante a Comunhão, os bancos centrais criam dinheiro a partir de meros papéis sem valor. É um milagre e tanto. Todos acreditamos nessa transformação, portanto só pode ser real. Mas será que é mesmo? Na verdade, o dinheiro é algo abstrato, que só tem valor enquanto todos nós (ou boa parte de nós) acreditarmos que tem. Assim como a fé, o dinheiro é um produto da imaginação humana.

Do banco central fui para o setor de investimentos, onde o dinheiro criado magicamente pelo banco central é turbinado e transformado na promessa incendiária que chamamos de crédito. Juntos, os bancos centrais e os demais tipos de instituição bancária governam o mundo do dinheiro, controlando a quantidade disponível, quem o recebe e a que preço. Essas instituições, fundamentais para a história objetiva do dinheiro, podem explicar a parte mecânica da economia, enquanto os economistas podem apontar o que fazer se houver dinheiro de mais ou de menos em circulação.

Mas compreender o encanamento – como o dinheiro flui pelo sistema econômico – não capta a parte interessante da história. Um encanador entende como a água corre pelos canos, mas talvez não consiga explicar por que ela é essencial à vida. O aspecto mais empolgante do dinheiro é o que ele faz conosco: como nos muda, o que nos possibilita e como traz à tona nossos desejos mais profundos – alguns bons, outros deploráveis. Apesar de ser membro de carteirinha da tribo dos economistas há muitos anos, concluí que a maioria de nós não compreende verdadeiramente o dinheiro.

Os economistas acabam com a graça do assunto. Substância altamente emocional, o dinheiro pode ser transgressor, sexy, perigoso e perturbador. Dinheiro é poder, é dominação, mas também pode ser libertação ao comprar independência. O dinheiro motiva – cabe a nós decidir o que fazer com a energia que ele proporciona. Alguns querem espalhar as possibilidades de obtê-lo, outros preferem o acúmulo individual. O dinheiro não se impõe sobre a moral humana; ele a amplifica. Se a pessoa acredita que a ganância é boa, será gananciosa com o dinheiro. Se acredita na igualdade e nos direitos humanos, é possível que o use para atingir esses objetivos. Os fatos essenciais são: imaginamos o dinheiro para que ele exista, o dinheiro muda à medida que mudamos e o dinheiro muda quem somos.

Hoje, gostemos ou não, todo o nosso mundo gira em torno dessa estranha invenção que Lênin definiu como a “grande ilusão”. Introduzido no mundo milênios atrás, o dinheiro está no centro da cultura moderna – uma linguagem universal compreendida tanto por investidores ricos do Vale do Silício quanto por humildes condutores de riquixás em Nova Déli. Pessoas que vivem a milhares de quilômetros de distância umas das outras, que falam idiomas diferentes e têm costumes diferentes compreendem o dinheiro e se comunicam por intermédio dele. O dinheiro é uma força que dita o fluxo de pessoas, produtos e ideias por todo o planeta. Nossos esforços e talentos são avaliados por ele, bem como o próprio futuro. Como veremos, uma das características mais antigas do dinheiro é colocar o preço de hoje no amanhã. O que é a taxa de juros senão o preço do tempo expresso em dinheiro? Quando alguém contrata um financiamento para pagar em 30 anos, ainda que não pare para pensar sobre isso, está pintando um quadro de quais serão suas circunstâncias dali a 30 anos. Está imaginando seu futuro pela lente do dinheiro.

O dinheiro define a relação entre trabalhador e empregador, comprador e vendedor, mercador e produtor. E vai além: define também o vínculo entre governados e governantes, entre Estado e cidadão. O dinheiro abre portas para o prazer e põe um preço no desejo, na arte e na criatividade. Motiva o ser humano a se esforçar, a conquistar, a encontrar novas soluções e a correr riscos. Também traz à tona o lado mais sombrio da humanidade, invocando ganância, inveja, ódio, violência e, é claro, o colonialismo, que tantas vezes foi impulsionado pela perspectiva de vastos ganhos financeiros. O dinheiro é complexo como o ser humano.

Uma ferramenta mágica

O dinheiro é uma tecnologia engenhosa que criamos para nos ajudar a negociar em um mundo cada vez mais complexo e interconectado. No entanto, não costumamos vê-lo como uma ferramenta ou uma tecnologia. E não porque não pensemos em dinheiro – provavelmente pensamos bem mais do que gostaríamos. Precisamos de dinheiro para viver e, por causa dessa urgência, raramente podemos nos dar ao luxo de pensar nele de forma mais ampla. Quem não tem o suficiente se preocupa em conseguir mais. Quem tem muito se preocupa em não perdê-lo. A maioria das pessoas gostaria de ter um pouco mais de dinheiro, e, se descobríssemos uma maneira fácil de obtê-lo, é bem provável que optássemos por ela. O dinheiro compra liberdade. A promessa que o torna tão atraente é que, com dinheiro, você pode ganhar mais controle sobre sua vida e assim mudar seu mundo.

Graças a esse papel central em nossa vida, é difícil refletir sobre o dinheiro de forma mais conceitual. O que é dinheiro? De onde ele vem? Ele pode acabar? Podemos gerar mais dinheiro? Não paramos para nos fazer perguntas relativamente simples como essas, o que talvez seja uma medida do verdadeiro sucesso do dinheiro. Enquanto ele estiver fluindo, fazendo o mundo girar, estaremos felizes com sua existência, sem nos importarmos com detalhes sobre suas origens.

Até algum tempo atrás, toda tentativa de explicar o desenvolvimento humano apontava para alguma fonte de energia ou uma tecnologia *física* como auxiliar do progresso – a invenção da roda, a descoberta do carvão, a criação do arado. E quanto às tecnologias *sociais* que, ao potencializar a cooperação,

ajudaram populações a se organizarem na busca de objetivos comuns? Uma dessas ferramentas foi a linguagem, que, evoluindo ao longo de dezenas de milhares de anos, permitiu que nos comunicássemos de maneira mais sofisticada, precisa e colaborativa. No entanto, foi com o advento da agricultura, há alguns milênios, que a cooperação social realmente decolou. Começamos a ocupar assentamentos permanentes muito maiores, passando a conviver também com desconhecidos, não apenas com familiares.

Todo mundo já ouviu o mantra de que o dinheiro é a raiz de todos os males, mas podemos vê-lo também como um instrumento de paz. Em vez de matar seus vizinhos para obter alimentos e propriedades, as sociedades agrícolas recém-sedentárias começaram a fazer transações usando dinheiro. Se podíamos fazer trocas com nossos pares e com tribos diferentes a preços acordados de bom grado, por que nos daríamos ao trabalho de brigar?

O comércio foi um elemento adicional a contribuir para uma coexistência mais pacífica entre os povos, mesmo entre desconhecidos de regiões e culturas diferentes. Além de mercadorias, trocávamos também ideias, costumes e inovações. Desde o advento da agricultura, a humanidade se viu em uma trajetória de desenvolvimento que acabaria levando à formação de cidades, nações e impérios com estruturas de poder centralizadas e hierarquias sociais. Antes, como caçadores-coletores, vivíamos em uma batalha com a Natureza, mas, à medida que colonizávamos a Terra, passamos a gerar excedentes de alimentos que podiam ser tributados pelo Estado. Desenvolvemos a escrita, a geometria, a astronomia, os números, a matemática, a filosofia, a arquitetura e a teoria política – tudo aquilo que hoje associamos à chamada civilização. Sucessivos avanços tecnológicos faziam as engrenagens da civilização humana girarem: domesticação de animais, cultivo e plantio cruzado de vegetais diversos, métodos aprimorados de armazenamento de alimentos, distribuição e transporte de mercadorias por via marítima. O dinheiro foi uma tecnologia fundamental, muitas vezes subestimada, que sustentou e estimulou o desenvolvimento humano.

Quanto mais complexas as sociedades, mais o dinheiro se enraizava. As primeiras civilizações que o adotaram ganharam uma vantagem competitiva sobre as demais, resultando em inovações que mudaram radicalmente a história moderna. Veremos que o dinheiro é uma tecnologia disruptiva e que novas formas de usá-lo estão sempre subvertendo antigos sistemas. Essa

contínua evolução monetária desencadeia a evolução também nas esferas econômica, social e política, constituindo um ciclo de retroalimentação.

Plutófitos

Nos últimos 5 mil anos, o dinheiro alterou profundamente a humanidade, bem como nossas relações uns com os outros e com o restante do planeta. É a tecnologia *definidora* do *Homo sapiens*. Evoluímos junto com o dinheiro: nós o moldamos, mas ele também nos moldou. Os antropólogos se referem aos seres humanos como uma espécie “pirófito”, ou seja, que é moldada pelo fogo.⁴ O fio condutor deste livro é que, no decurso dos últimos cinco milênios, nos tornamos (peço desculpas aos puristas linguísticos por ter inventado esta palavra) uma espécie *plutófito*, isto é, que se adaptou ao dinheiro e foi por ele moldada. Por 400 mil anos, a tecnologia que mais influenciou o desenvolvimento humano foi o fogo. Aqui defendo que a tecnologia crucial que moldou a humanidade nos últimos 5 mil anos foi o dinheiro. *Éramos* uma espécie pirófito, mas aos poucos nos tornamos plutófitos. Este livro trata da relação entre um primata curioso e uma tecnologia assombrosa.

Ao contrário de outras tecnologias, o dinheiro é efêmero. Ele reside em nossa mente, pois intrinsecamente não tem valor. Para que o dinheiro funcione, é necessário um salto de abstração mental. De maneira contraintuitiva, ele é valioso não quando é escasso, mas quando é abundante. Nesse sentido, assemelha-se a outra tecnologia humana assombrosa: a linguagem. Ambos são fenômenos de massa. Assim como no caso da linguagem, quanto mais pessoas o usam, mais valioso o dinheiro se torna. Da mesma maneira que dialetos são assimilados por línguas mais abrangentes e mais úteis, várias formas de dinheiro, concebidas originalmente para trocas comerciais dentro de pequenos grupos, são absorvidas por formas mais abrangentes, mais úteis e mais adaptáveis. A mais proeminente no momento é o dólar americano.

Como o dinheiro representa um valor universal, compreendido e aceito por todos, a propriedade central dele é hoje um dos alicerces das sociedades organizadas, consolidando-o como uma das ideias mais sedutoras e duradouras dos últimos cinco milênios. Ao longo desse tempo, todas as demais formas de organizar sociedades humanas complexas (fossem sistemas

feudais baseados na terra, hierarquias aristocráticas ou nirvanas comunistas) acabaram substituídas por sociedades baseadas no dinheiro.

De caçadores-coletores a coletores de dados

Uma advertência: você está prestes a embarcar em uma aventura com um economista que, pode-se dizer, se tornou um pouco cético quanto à capacidade de sua própria tribo de contar a história do dinheiro. Vamos examinar muitas culturas que desempenharam algum papel no desenvolvimento dessa fascinante tecnologia e as inovações trazidas por cada uma delas. Veremos que a proficiência com o dinheiro coincidiu com outros avanços, como a escrita, a matemática, as leis, a democracia e a filosofia. Essa coevolução levanta a seguinte questão: o dinheiro foi a razão para outros desenvolvimentos ou foram esses outros desenvolvimentos que levaram à evolução do dinheiro? Qual foi a galinha e qual foi o ovo?

Começaremos na África, com a primeira evidência arqueológica de contagem, que pode até ter sido uma contabilidade rudimentar – algo que não costumamos associar à Idade da Pedra. A partir daí, passaremos para o dinheiro primitivo existente nos assentamentos urbanos da Mesopotâmia por volta de 3500 a.C.

Veremos que a civilização grega, com seu conhecimento de lógica, democracia e filosofia, tinha como alicerces o comércio e a cunhagem de moedas e que o grande Império Romano foi edificado não apenas sobre a conquista de territórios, mas também sobre o crédito.

O uso do dinheiro entrou em declínio na Europa no período inicial da Idade Média, juntamente com alguns outros pilares da civilização clássica. O volume menor de dinheiro em circulação obstruiu o progresso, mas sua recuperação no século XI impulsionou a Europa Ocidental para o avanço florentino, abrindo caminho para o Renascimento e, mais tarde, para a Reforma.

Observaremos o dinheiro na era revolucionária, desde a República Holandesa dos séculos XVI e XVII até as revoluções Americana e Francesa, no século XVIII.

O lado sombrio do dinheiro é revelado pela colonização europeia, quando os interesses financeiros entraram em rota de colisão com a dignidade humana – e, lamentavelmente, o dinheiro venceu.

Examinaremos as conexões entre dinheiro, pensamento liberal e progresso intelectual no século XIX, passando das teorias de Darwin ao modernismo e chegando até os dias de hoje.

Vamos constatar que cada avanço na aplicação do dinheiro (como a taxa de juros, a introdução de moedas de metal e a utilização de balancetes) levou a outras inovações, em que um desenvolvimento funcionou como trampolim para outro. Cada capítulo se concentra nas inovações monetárias que, na minha opinião, ajudam a explicar a ligação entre o dinheiro e o progresso humano, em que um se segue ao outro, impulsionando a história da civilização. Este é um livro escrito em Dublin por um irlandês branco, quase rosado. Se fosse escrito por outra pessoa, em outro lugar, as histórias seriam diferentes e igualmente válidas. Espero que você considere estas que escolhi tão interessantes de ler quanto eu achei ao selecioná-las.

No caminho vamos cruzar com Kushim, a primeira pessoa cujo nome sobreviveu na forma escrita; com Xenofonte, o primeiro economista do mundo; com os imperadores Nero e Vespasiano; e com o próprio Jesus. Daremos uma guinada para os mundos de Dante, Fibonacci, Gutenberg e Pedro, o Grande, e passaremos um tempo com Jonathan Swift, Charles Talleyrand e Alexander Hamilton, para então visitarmos Charles Darwin, Roger Casement, James Joyce e Judy Garland. Antes de um breve flerte com a criptomoeda, conheceremos o maior falsificador do mundo, acompanharemos o caos nos estúdios da Fox News em Nova York no dia em que o banco Bear Stearns entrou em colapso, em 2008, e encontraremos as pessoas que hoje controlam o dinheiro global.

Na mitologia grega, Zeus puniu Prometeu por dar aos humanos o fogo, tecnologia poderosa a ponto de os deuses temerem que a usássemos para subjugar-los. Os gregos reconheceram que o domínio do fogo marcou uma mudança profunda na relação entre os seres humanos e o restante do planeta. Eles acreditavam terem sido criados a partir dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Essas forças moldavam seu universo. Cerca de 5 mil anos atrás, inventamos outra força, um quinto elemento. Se o fogo era a força prometeica do mundo antigo, o dinheiro é a do mundo moderno. O primata mais inteligente moldou o mundo, para melhor ou para pior, de uma forma que, acredito eu, teria sido impossível sem o dinheiro.

A história do dinheiro é a história da própria humanidade.

PARTE 1
ANTIGUIDADE

OS PRIMÓRDIOS

Um blockchain da Idade da Pedra?

O Osso de Ishango, que remonta a cerca de 18000 a.C., encontra-se no Real Instituto Belga de Ciências Naturais, em Bruxelas. O item foi descoberto em 1950, no lago Eduardo, na fronteira da atual República Democrática do Congo, cerca de um século depois de os colonos europeus se maravilharem com as possibilidades comerciais do até então quase inexplorado rio Congo. Atravessando a África Central, esse rio foi e ainda é a espinha dorsal da região, usado há milênios como uma supervia comercial.

O Osso de Ishango é o fêmur de um babuíno com uma série de traços entalhados. Não há consenso entre os arqueólogos em relação à finalidade do artefato, mas especula-se que cada traço indique um montante devido por alguém a outra pessoa e que, juntos, sejam o registro de uma transação ou um conjunto de créditos e débitos. Os entalhes talvez fossem registros de que as transações foram pagas e, portanto, liquidadas, ou que estavam pendentes.¹ Se o Osso de Ishango era de fato uma talha numérica comercial, seus traços representam também o primeiro exemplo conhecido de valor, que é um conceito extremamente sofisticado. Atribuir valor é um exercício de pensamento abstrato, até porque o que eu valorizo e o preço que estou disposto a pagar por algo podem ser bem diferentes daquilo que você valoriza e de quanto está disposto a pagar pelo mesmo item.

Será que, para resolver essa situação, nossos antepassados africanos desenvolveram uma forma rudimentar de comércio para a qual precisavam

de contabilidade? Se a própria história da humanidade começa na África, não deveria surpreender que a história do dinheiro também comece lá. Afora as conjecturas, o que de fato sabemos é que esses africanos estavam contando. O Osso de Ishango é uma ferramenta de registro muito antiga, e, se esses ancestrais estavam fazendo contagem para realizar transações, é provável que a moeda-base fossem pessoas. A escravidão foi o pecado original do dinheiro.

No relato tradicional da história humana, nossa espécie foi nômade, sedentária, depois nômade de novo antes de se fixar, por volta de 5000 a.C., em pequenas comunidades que viriam a ser organizadas predominantemente em torno do dinheiro. Porém a teoria acerca do Osso de Ishango, de um comércio primitivo, sugere que nossos ancestrais africanos pensaram em dinheiro muito antes disso. As pessoas que entalharam o Osso de Ishango eram caçadores-coletores no limiar de um novo mundo. No centro de sua sociedade, na Idade da Pedra, estava a tecnologia temida por Zeus: o fogo.

A cozinha de Eva

Arqueólogos, antropólogos, biólogos e historiadores enfatizam quão dependente do fogo foi nossa domesticação como espécie. O antropólogo americano James C. Scott vai mais longe, chamando-nos de espécie adaptada ao fogo ou “pirófita”.² O próprio corpo humano sofreu alterações graduais à medida que nos adaptávamos ao fogo. Nosso ambiente foi alterado pelo fogo, assim como os animais que caçávamos e com que convivíamos. Embora ainda fôssemos nômades, nossa caça e coleta foi se tornando cada vez mais restrita à medida que usávamos o fogo para garantir que mais e mais nutrientes estivessem disponíveis com cada vez menos esforço.³

Há mais de 400 mil anos utilizamos o fogo, que nos permitiu estabelecer assentamentos, ainda que temporários, ao longo de pelo menos uma estação. Muitos talvez imaginem o caçador-coletor colhendo as frutas silvestres que encontrasse ao acaso pelo caminho, totalmente à mercê da natureza, porém é mais razoável pensar que havia uma organização. Podemos dizer que esses acampamentos contavam com uma economia primitiva. Não uma economia com moedas, impostos e similares, mas uma estrutura social e hierarquias que a tribo compreendia.

Na economia de nossos ancestrais nômades, a maior parte do terreno era coberta por florestas densas, quase impenetráveis. Ao interferir nessa paisagem, eles poderiam tornar a vida cotidiana mais fácil. Os caçadores-coletores observaram que os incêndios florestais naturais desobstruíam enormes áreas de mata, revelando esconderijos e ninhos de animais que poderiam comer. Eles então notaram que, após a queima, a vegetação mudava depressa e que gramíneas de crescimento rápido substituíam a mata densa.⁴

É difícil expressar o enorme impacto do fogo para a evolução humana. Essa descoberta nos deu a possibilidade de cozinhar, o que aumentava a variedade de alimentos que se podia consumir e, conseqüentemente, proporcionava mais energia. Antes, nossos ancestrais subsistiam à base de carnes e vegetais crus. O fogo nos proporcionou uma alimentação muito mais fácil de digerir, já que o cozimento reduz grande parte do trabalho de mastigação e digestão, fornecendo assim mais calorias com menos esforço. Cozinhar também adquiriu uma dimensão social que ancorava a tribo. Podemos visualizar nossos ancestrais reunidos em volta da fogueira, cozinhando, mastigando, conversando, aquecendo-se, flertando, fofocando, observando as estrelas, imaginando o universo e contando histórias.

Não é difícil vislumbrar as pessoas que fizeram as pinturas rupestres há 17 mil anos em Lascaux, na atual França (imagens que retratam cavalos, cervos e outros animais selvagens locais) concebendo juntas, ao redor da fogueira, o que desenhar. Ao economizar tempo, o fogo abriu espaço para nos envolvermos em noções abstratas como pintura, autoexpressão, imaginação e arte.

Explosão populacional

Por volta de 12000 a 9000 a.C. surgiu a agricultura no Crescente Fértil, na América Central e na China.⁵ Não existem evidências de que esses povos tenham aprendido a plantar uns com os outros. Cada civilização deve ter descoberto a agricultura em resposta a alguma força elementar superior – essa força superior foi o aquecimento global.

Durante a Era do Gelo, o planeta era não apenas muito mais frio, com placas de gelo cobrindo grande parte do que hoje chamamos de hemisfério Norte, como também muito mais seco. Na Irlanda, é comum associarmos

frio a chuva, mas quando o frio é intenso há bem menos evaporação, menos nuvens e menos chuva. Nosso mundo na Era do Gelo era frio e seco, o que dificultava o crescimento das plantas. Nesse tipo de clima, a agricultura não é uma opção: é arriscado demais depender de um pedaço de terra para produzir a energia necessária à sobrevivência.

Conforme a temperatura subia e as calotas polares derretiam, a humanidade experimentou uma súbita abundância de vida. O mundo ficou mais quente e mais úmido e as pessoas começaram a viver em regiões onde podiam fazer os alimentos crescerem de maneira mais intensiva. Isso não aconteceu da noite para o dia; é possível que tenha levado milhares de anos. Caçadores-coletores provavelmente coletavam e caçavam enquanto mantinham plantações, e essa configuração deve ter se estendido por milênios, até dominarmos as técnicas agrícolas. Vale lembrar que a palavra-chave aqui é energia. Quanta energia podemos obter da agricultura, quão intensivamente podemos cultivar essa energia e quão estável essa fonte de energia pode ser? Aos poucos, os grãos de cereais se tornaram uma fonte de energia mais estável.

Os seres humanos que viviam em pequenas aldeias, ainda dependendo parcialmente da caça e da coleta, procuravam culturas com bom valor nutricional, simples de cultivar, rápidas de colher e fáceis de armazenar. Os cereais atendiam a tudo isso, e mais: cresciam depressa e a colheita era farta. Para completar, a evolução tinha lhes dado a vantagem da autopolinização. Com esses atributos, foram essenciais para permitir que os caçadores nômades se fixassem.

Com o aumento da fertilidade decorrente de um planeta mais quente, o advento da agricultura e a domesticação de animais para obtenção fácil de proteína, seria de esperar que a população humana crescesse depressa. Não foi o que aconteceu.

Os primeiros milhares de anos de sedentarismo foram um holocausto epidemiológico para a humanidade. Quando começamos a trocar a itinerância pela agricultura, doenças transmitidas pelos animais – como gripe, sarampo, varíola, tifo e pestes de todos os tipos – assolaram os primeiros agricultores. Os patógenos passavam de animais recém-domesticados para os pobres humanos, cujo sistema imunológico nunca conhecera esses invasores microscópicos. Nos primeiros milhares de anos de domesticação – de

cerca de 10000 a.C. a cerca de 5000 a.C. –, o boi e o porco representavam uma ameaça tão grande para nós quanto nós para eles.

Demógrafos que estudam o mundo antigo estimam que a população humana no planeta era de cerca de 4 milhões em 10000 a.C. Cinco mil anos depois, esse número tinha aumentado para apenas 5 milhões, com o crescimento desacelerado por pandemias devastadoras. O sistema imunológico herdado pelo agricultor não estava preparado. Foram necessárias muitas gerações para se construir imunidade.

Por volta de 5000 a.C., a evolução estava fazendo sua parte: transmitindo códigos de sobrevivência que permitiam ao sistema imunológico identificar invasores e, assim, tornavam as pessoas resistentes a um número crescente de agentes patogênicos reconhecidos. A população humana parece ter deslanchado nessa época. Quando Jesus expulsou os mercadores do templo, chegava a 100 milhões – um aumento de 20 vezes em apenas 5 mil anos.

Estratégias de enfrentamento

À medida que o ser humano deixava de ser nômade, as comunidades se tornavam maiores e mais complexas, mas algumas de suas características de caçadores-coletores, entre as quais a chamada capacidade social, mantiveram-se preservadas. O antropólogo britânico Robin Dunbar, ao tentar compreender a variação do tamanho do cérebro entre diferentes tipos de primata, levantou a hipótese de o tamanho do grupo social ser o que causava essas diferenças.⁶ E ele estava certo: o neocórtex, a parte do nosso cérebro responsável por processar pensamento e raciocínio complexos, cresce nos primatas na proporção do número de companheiros com quem eles provavelmente vão conviver. O cérebro evolui para conseguir lidar com o número de contatos sociais que teremos. Já que nós, seres humanos, buscamos alimento em pequenos bandos nômades durante a maior parte da nossa existência como espécie, nosso cérebro evoluiu de acordo. A chegada da agricultura e da domesticidade fez com que, muito subitamente em termos evolutivos (ao longo de apenas alguns milhares de anos), estivéssemos vivendo em comunidades muito maiores. Para dar sentido a essa nova complexidade, nosso cérebro precisava de ferramentas ou tecnologias.

Tendemos a pensar em tecnologias como objetos físicos (um martelo ou um carro, por exemplo), mas existem também tecnologias sociais, que nos ajudam a atuar de modo mais eficiente em grandes grupos. A linguagem, as leis e as religiões são exemplos de tecnologias sociais que surgiram com a urbanização e evoluíram conosco, organizando a energia humana coletiva em torno de objetivos comuns regidos por regras claras. O dinheiro é uma tecnologia social, um mecanismo de enfrentamento concebido para que conseguíssemos lidar com essa mudança abrupta em nossa forma de viver.

Os desafios impostos pela natureza às necessidades de alimentação e abrigo dos caçadores-coletores eram típicos de grupos pequenos. Já os problemas da domesticação eram típicos de grupos grandes, ou o que podemos chamar de desafios organizacionais. Saúde, riqueza, distribuição, relacionar-se com desconhecidos, negociar com gente de fora e lidar com muitas pessoas vivendo lado a lado são questões complicadas.

Depois que os cereais se estabeleceram como alimento de preferência dos nossos ancestrais, a trajetória humana começa a parecer familiar ao observador moderno. Não é por acaso que civilizações se formaram dentro das latitudes propícias ao cultivo de cereais, desde o Crescente Fértil até as planícies centrais da China e da Mesoamérica. Com a expansão da população mundial de 5 milhões para 100 milhões de pessoas nos últimos cinco milênios a.C., esses locais onde as populações cresceram de forma mais espetacular necessitavam de tecnologias sociais para sobreviver. É nesses lugares que vemos a primeira evidência de dinheiro, juntamente com seus companheiros mais próximos: a escrita e a religião organizada.

Os cereais tinham características que mudaram profundamente os seres humanos e sua organização social: podiam ser armazenados após colhidos, gerando assim uma fonte de energia excedente a ser distribuída ao longo do tempo. Isso permitia construir um sistema de valor baseado em uma unidade de medida de fácil compreensão: determinada quantidade de grãos. Um montante específico de grãos correspondia a alguma outra coisa – por exemplo, um dia de trabalho –, estabelecendo assim uma relação entre o preço dos alimentos e o preço de todo o resto.

O dinheiro primitivo era baseado em grãos de cereais e seu valor era universal. Na Suméria (atual região centro-sul do Iraque), por exemplo, 1 siclo (ou shekel) equivalia a 1 alqueire de cevada.⁷ O siclo podia ser con-

tado e trocado facilmente. O silo, uma das instituições mais importantes de qualquer cidade da Antiguidade, regulava a oferta de grãos e, portanto, a oferta de dinheiro, em uma atuação muito semelhante à dos modernos bancos centrais. Quanto mais grãos estocados, melhor tinha sido a colheita e maior era a quantidade de dinheiro em circulação.

Com uma moeda (apenas conceitual, por enquanto) vinculada a uma commodity (cereais) que lhe atribuía valor intrínseco, os débitos e os créditos, bem como os ativos e as dívidas, podiam ser aferidos em balancetes rudimentares.

Além disso, as economias cerealíferas geravam excedentes, que podiam ser tributados pelo Estado, e parte da arrecadação era direcionada para os governantes e seus burocratas. Quanto maior o excedente de cereais, mais produtiva era a agricultura de uma sociedade e mais complexa era a sociedade em si. Uma sociedade que conseguisse ir além de suprir as próprias necessidades com sua produção agrícola se tornava mais sofisticada, podendo sustentar sacerdotes, soldados, mercadores, comerciantes e escribas, bem como a aristocracia, a família real e vários outros parasitas.

Com o dinheiro baseado em grãos, a humanidade transitava de um mundo determinado pela tecnologia natural do fogo para um mundo movido por uma tecnologia humana. O bastão prometeico mudava de mãos. Essa transição não aconteceria da noite para o dia, mas a trajetória estava definida.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (900 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (3 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (700 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (700 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (650 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (350 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (350 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (500 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

